

“Governo tem que se defender”

ANTONIO XIMENES E PAULA PAVON

CAPTAÇÃO

“Pelo alto custo do dinheiro no mercado internacional as empresas que têm condições de ir ao mercado estão evitando e vão esperar o ano que vem para captar recursos mais baratos”

– O FMI liberou US\$ 2 bilhões das reservas para o BC poder intervir no câmbio, caso seja necessário. Como o senhor vê esse acordo?

– Foi uma medida totalmente oportuna porque estamos passando por um momento diferenciado. Todos nós que estamos no mercado financeiro já sabíamos que outubro seria um mês pesado pelo volume de cerca de US\$ 4 bilhões de vencimentos entre eurobônus e títulos do governo. Aliado a este fator, temos a chegada do fim do ano e o Bug do milênio. Pelo alto custo do dinheiro no mercado internacional as empresas que têm condições de ir ao mercado estão evitando e vão esperar o ano que vem para captar recursos mais baratos. Isto faz com que o fluxo de entrada seja menor que o de saída, o que dá pressão na moeda. Neste momento de transição, o BC tem que ter uma rede de proteção um pouco maior até passar este período e o mercado voltar a normalidade no ano que vem.

– Qual sua percepção do momento?

– O que a gente sente é que o fluxo de entrada de recursos até o fim do ano será menor, logo haverá uma pressão natural. O governo tem que se defender até que passemos o fim do ano. Acreditamos que no ano que vem, o fluxo volta em condições mais razoáveis.

– O presidente do Banco Central, Arminio Fraga, disse, na última semana, que a crise nervosa já passou. O senhor concorda?

– Concorro com Fraga que daqui pra frente vamos ter um período de mais estabilidade, mesmo porque a gente tem outra notícia boa que é o cenário internacional. Todas as informações agora são de menos pressão inflacionária nos EUA e a chance de aumentar taxa de juros diminuiu.

– Mas ainda há possibilidade de haver um aumento na taxa de juros nos EUA este ano.

– Há possibilidade de a gente ter um aumento na taxa de juros americana de 0,25% em novembro, mas já está no preço. Não vai acontecer nada no mercado internacional, se o Banco Central americano elevar as taxas. Este ano está sendo excepcional para a economia americana e, mais uma vez, a tendência é de no ano que vem os Estados Unidos terem um crescimento um pouco menor do que este ano. Este ano deve crescer 3,8%, contra 2,5% aproximadamente em 2000.

– Os analistas dizem que qualquer tensão interna ou externa recai sobre o câmbio e não sobre a taxa de juros. Mas e se houver inflação?

– A grande discussão, que é também tema no mercado internacional, é justamente a inflação. Hoje, não há mais espaço para o aumento da inflação. Ninguém aceita isso nem no mercado internacional e nem no Brasil. Se a gente perder o controle da inflação no Brasil, espero que isso não aconteça, aí vamos ter que utilizar a política monetária.

– O presidente do Banco Central disse que a pressão sobre o câmbio não recai sobre a meta inflacionária. O último índice do IGP-M ficou em 1,7%, mas já tem analistas avaliando a possibilidade de uma indexação.

– Acho que isto é discurso de terrorista. Falar em indexação agora, eu não acredito que a gente tem isso claramente. Acho que isso vai demorar um pouco ainda. A grande vitória do Brasil até agora: um país que teve 60% de desvalorização cambial e não teve indexação.

– Mas o câmbio tem ultrapassado a casa dos R\$ 2?

– Temos que lutar contra a indexação. Um câmbio irreal acima de R\$ 2 e com efeitos inflacionários pode criar um problema adicional na economia, porque se houver um aumento na demanda pode ter espaço para aumentar preço. Recentemente tivemos aumentos salariais, o que pode criar um campo favorável para aumento de preço se você não tiver controlando a economia com cuidado.

– Qual a sua estimativa de inflação para 1999?

– O Citibank continua acreditando numa inflação de 8%.

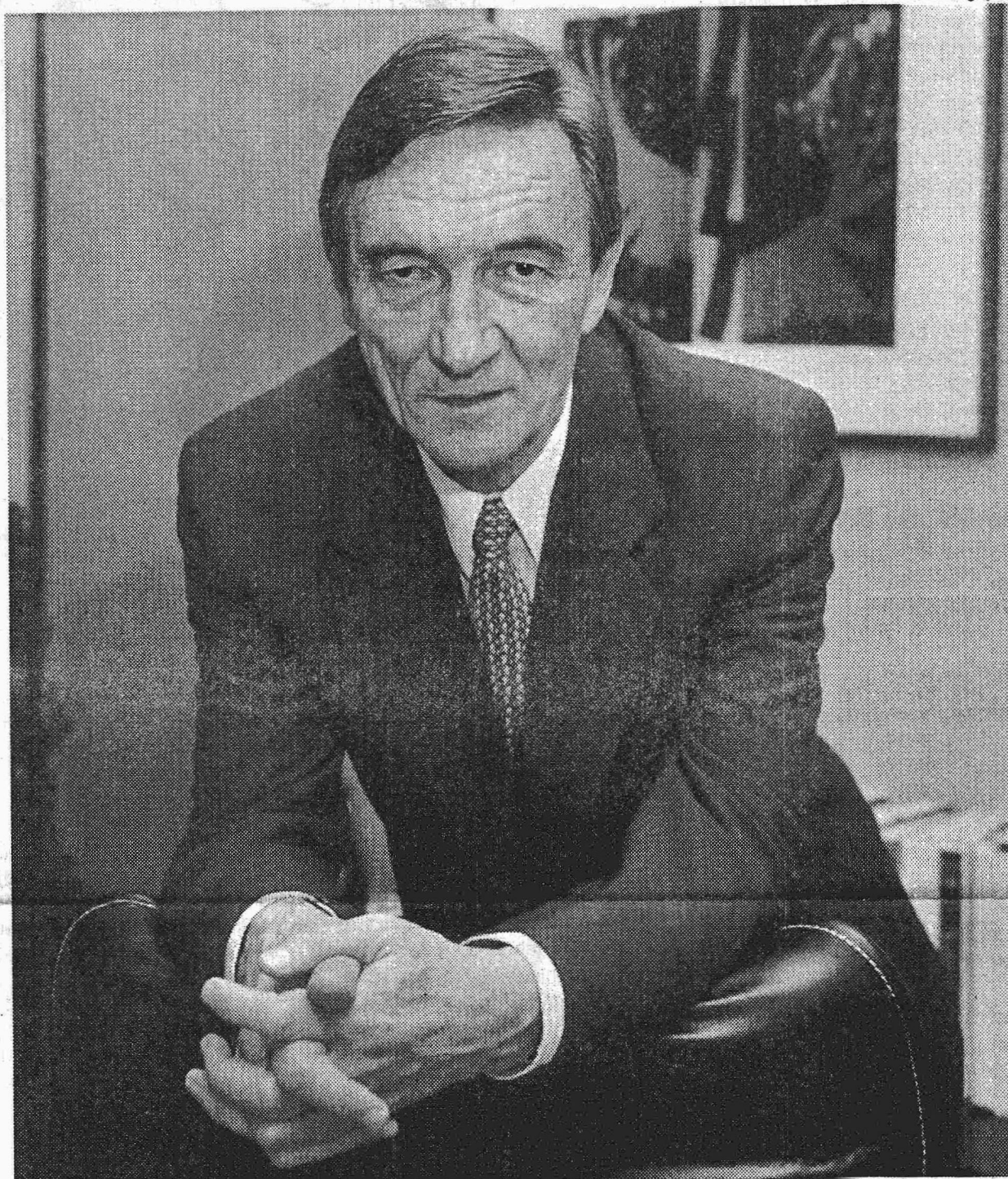
– O senhor acha que o presidente Fernando Henrique precisa estar mais a frente nos projetos políticos das reformas? Como o senhor está vendo a base de sustentação política do governo?

– O Brasil vive um momento interessante porque nós estamos fazendo algumas reformas importantes num regime democrático. Num regime democrático as coisas são muito mais difíceis de acontecer, são muito mais custosas, mas

SÃO PAULO – O presidente do Citibank no Brasil, Alcides Amaral, disse em entrevista exclusiva ao JORNAL DO BRASIL que o acordo feito entre o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Central para a liberação de US\$ 2 bilhões das reservas, na última semana, é uma medida “totalmente oportuna”. Ele afirmou que “o governo tem que se defender até que passe o fim do ano”. Para Amaral, o país vive hoje um processo de transição, no qual é preciso saber conduzir a economia para não correr o risco de ter a volta da inflação. “Recentemente, tivemos aumentos salariais, o que deve criar um campo favorável para aumento de preços se não estivermos

controlando a economia com cuidado”. A estimativa do Citibank é de que a inflação fique em 8% no fim do ano. A projeção de Amaral é que o câmbio oscile entre R\$ 1,85 e R\$ 1,95 até o fim de 1999. Ele disse que o câmbio a R\$ 2 é um patamar irreal e que a pressão dos últimos dias foi provocada pelo volume de vencimentos de títulos no exterior, algo próximo a US\$ 4 bilhões. Na avaliação de Amaral, o PIB deve crescer 0,5% em 1999 e 4% no próximo ano. Especificamente sobre o bug do milênio, Amaral disse que o Citibank está pronto, e aconselhou aos correntistas para que não corram para sacar dinheiro na última hora. “Não há motivo para pânico”.

Divulgação



INDEXAÇÃO

“Acho que falar em indexação agora é um discurso de terrorista, eu não acredito que a gente tenha isso claramente. Deve demorar um pouco ainda”

RECURSOS

“A gente sente que o fluxo de entrada de recursos até o fim do ano será menor. O governo tem que se defender até que passemos o fim do ano. Acreditamos que, em 2000, o fluxo volte em condições mais razoáveis”

INFLAÇÃO

“Hoje, não há mais espaço para o aumento da inflação. Ninguém aceita isso nem no mercado internacional e nem no Brasil. Se a gente perder o controle da inflação no Brasil, aí vamos ter que utilizar a política monetária”

quando acontecem têm muito mais solidez e fundamento.

– Como o senhor vê a queda de popularidade do presidente?

– Com a queda da credibilidade de Fernando Henrique nos primeiros meses do ano, por força da desvalorização da moeda e do desemprego, houve um enfraquecimento político. Com menos força, os partidos políticos têm mais poder de pressão sobre o governo.

– O Sr acredita que os juros bancários podem cair mais este ano?

– Sim. Acho que tem espaço para cair mais e acho que vai cair mais até o final do ano. Porque esta é a bandeira número um do governo. Acho que a gente tem que fazer que a taxa seja menor. Hoje o bom pagador acaba pagando pelo mau. Mas é preciso baixar a cunha fiscal, melhorar a eficiência da legislação e o sistema financeiro cobrar um spread decente, porque na linha do consumidor o spread é muito alto.

– Quais são as projeções do Citibank para o câmbio e para a taxa de juros?

– Até o final do ano, o dólar deve variar entre R\$ 1,85 e R\$ 1,95. No ano que vem vai depender muito do que a gente fizer em termos de ajuste fiscal. Se a lei de responsabilidade fiscal, a reforma tributária e da previdência progredirem, certamente, a taxa vai baixar. Vai depender dos fundamentos da economia e da certeza que não haverá maiores riscos. A grande dúvida é se vamos terminar este ajuste ou se vai demorar muito. A taxa do dólar no ano que vem vai depender desses fatores macroeconômicos. Já os juros básicos devem ter um pequeno recuo, mas nada significativo porque não é hora de assumir muitos riscos, principalmente com a preocupação inflacionária.

– O volume de crédito no Brasil em relação ao PIB e comparado com outros países é muito baixo. Com o aquecimento da economia poderá haver um crescimento?

– O crédito aumentou com o plano Real. A volta do empréstimo bancário vai depender um pouco da estabilização da economia e dos sinais que vamos ter pa-

ra estar prazos. O problema ainda é como estabelecer taxas de juros para um financiamento de três anos, por exemplo. Antigamente era fácil porque era estabelecido um spread mais a correção monetária. Hoje não sabemos como estarão os juros daqui a três anos.

– O Citibank pensa em abrir novas agências ainda este ano e em 2000?

– Aumentar a rede de agências é um fator importante, mas não fundamental. Queremos uma base de clientes e não uma rede de agências. Se a gente olhar 20 anos à frente, os canais de distribuição serão diferentes.

– Quantos clientes tem o banco?

– No total, hoje são 310 mil clientes, entre pessoas física e jurídica. O custo para abrir uma agência ainda é muito alto. Quanto mais cair a taxa de juros e a inflação, mais os bancos terão dificuldades em ganhar operacionalmente.

– O banco vai abrir mais agências este ano?

– Temos 30 agências hoje e temos aprovação para chegar a 70. No início de 2000 vamos abrir oito mini-agências em São Paulo.

– Quanto o banco investiu em tecnologia nos últimos anos? E como está a preparação para o Bug?

– Nos últimos dois anos, investimos cerca de US\$ 500 milhões mundialmente. O Bug é uma coisa muito séria. O Citibank está em mais de 100 países, cada qual tem um estágio diferente. No Brasil estamos num estágio bom, acho que a autoridade monetária, o BC e a Febraban fizeram um trabalho muito bom. Não acredito que haverá uma corrida aos caixas para saques de dinheiro. Estamos fazendo uma campanha com todos os clientes para alertá-los sobre o Bug. Se a pessoa sabe que vai precisar de dinheiro, não precisa sacar no dia 30, pode sacar no dia 20.

– O Sr. já disse várias vezes que pretende participar do leilão do Banespa. Como estão os preparativos para a disputa?

– Nós vamos olhar, mas vai depender do modelo do Banespa. Como disse nós

queremos crescer a base de clientes e não a rede de agências. Por isso, temos que entender um pouco mais do modelo do Banespa, através do edital, para poder saber qual será o nosso nível de interesse. Vai depender da base de clientes, do número de ativos e da questão fiscal. Tudo isso vai depender para valorizar o banco.

– Como o Sr. vê as recentes medidas adotadas pelo BC para deixar o sistema financeiro mais transparente para a opinião pública?

– O ideal é termos um sistema totalmente livre e competitivo. O Brasil cresceu muito via banco federal, estatal e estadual. A grande revolução no Brasil foi via as estatais, mas hoje mudou a regra do jogo. A abertura do mercado veio para ficar e o BC está conduzindo de uma maneira muito inteligente abrindo espaço para quem quer entrar.

– Qual a sua opinião em relação ao Proer, um programa que tem recebido muitas críticas?

– O Proer no Brasil é uma coisa que muitos criticam, mas pouca gente avalia o grande benefício que isso trouxe. Custou nada em relação a tranquilidade que nós estamos passando agora, por exemplo, com essa revolução cambial e o rápido crescimento da economia. O Proer não veio para ajudar o dono de banco, essa é a grande falácia que existe. Quando um banco usa dinheiro do Proer, os diretores e o dono do banco ficam com os bens bloqueados. Ele não ajuda banco ele ajuda o cliente do banco. Se a gente analisar o contexto interno, temos hoje uma situação competitiva muito melhor.

– Como está o Citibank hoje, após 84 anos atuando no Brasil?

– A situação do Citibank está muito bem. No próximo ano, vamos fazer um livro contando a história dos 85 anos e o que o Citibank fez neste período. Nós temos muito orgulho de estar aqui há tanto tempo e de continuar acreditando no Brasil. Em 1999, representamos 5% do lucro do Citigroup, mas queremos continuar crescendo.

ABERTURA

“A grande revolução no Brasil aconteceu via estatais, mas a regra do jogo mudou. A abertura do mercado veio para ficar e o BC está conduzindo de uma maneira muito inteligente, abrindo espaço para quem quer entrar”

PROER

“O Proer não veio para ajudar o dono de banco, essa é a grande falácia que existe. Quando um banco usa dinheiro do Proer, os diretores e o dono do banco ficam com os bens bloqueados”